

Posicionamento do pesquisador

Quando comecei o mestrado tinha o desejo de escrever, exclusivamente, sobre Organizações de Aprendizagem, mas durante o curso tomei conhecimento do projeto da Economia de Comunhão e algo me dizia que poderia encontrar algumas respostas aos anseios adquiridos ao longo de oito anos, aproximadamente, no mercado de trabalho.

A idéia de unir Organizações de Aprendizagem à Economia de Comunhão surgiu quando ouvi em uma palestra de Senge e, posteriormente, durante uma aula do meu orientador, Prof. Sergio Proença Leitão, respectivamente, que a harmonia é a base para existência das cinco disciplinas de seu modelo, e que a base da Economia de Comunhão é o amor.

Já havia pensado em harmonia no ambiente de trabalho, mas amor? Harmonia e amor são valores desconhecidos das organizações, sejam elas públicas ou privadas, produtoras de bens ou serviços, do mercado ou da academia. Palavra de quem já passeou por todos esses segmentos e sentiu que o que vale é a arte da guerra.

O problema é que a guerra é tanto interna quanto externa, presente com tanta intensidade entre áreas (e dentro delas) quanto entre concorrentes. Não existe o bem e o mal aqui, mas existe a postura inerente a uma cultura, que enaltece a guerra e aquele que a chama. Julgo que as organizações precisam de mais amor e menos guerra, só não sabia como me expressar e em que me basear.

A experiência da convivência com os empresários que abraçaram ao chamado de Lubich permitiu-me perceber que, dentro do contexto econômico, político e social que vivemos hoje, precisamos recriar tanto o caráter de comunidade quanto o do indivíduo, para que com isso possamos enfrentar uma economia baseada no princípio de que não há comprometimentos a longo prazo.

Enfim, o contacto com a Economia de Comunhão mostrou-me que vivemos épocas nas quais é preciso reforçar a fé. A fé necessária é aquela que faz você acreditar que não precisará vender-se para viabilizar a própria integração a um esquema empresarial subvertido por uma confusão mental de anos de teorias

organizacionais que não atendem ao presente e muito menos ao futuro. A fé necessária é aquela que te impulsionará a fazer aquilo que gosta, apesar de parecer impossível. A fé necessária é aquela que possibilitará a crença de que a bondade humana prevalecerá em qualquer tempo, apesar de todas as adversidades, e que está presente nesta bondade a capacidade de compartilhar com aqueles que o cercam a construção do futuro que todos desejam.